

07 ABR 2006

JORNAL DO BRASIL

RODRIGO DE ALMEIDA

Parceiros refinados

Os bastidores da confecção do livro de FH

Alexandre Campbell/Divulgação



RICARDO SETTI e o ex-presidente: combinação de Maquiavel com buchada de bode.

Nem só com um ex-presidente sociólogo se faz um bom livro. Refiná-lo, checar informações, adicionar histórias relevantes esquecidas pelo autor, apurar a forma e o conteúdo – esses requintes são ingredientes essenciais. Deles cuidou, com brilho e competência, o jornalista Ricardo A. Setti, coordenador editorial de *A arte da política*. O depoimento do príncipe requeria a participação de um integrante da nobreza da imprensa. O homem certo foi encontrado num jornalista que há 40 anos exibe seu talento nas maiores publicações do país.

Elegante no texto e no trato pessoal, infatigável garimpeiro de pepitas em jazidas aparentemente esgotadas, Setti foi convidado pelo Grupo Record, do qual faz parte a Civilização Brasileira, para auxiliar o ex-presidente na confecção do livro. Os bastidores do trabalho ajudam a conhecer ainda mais estreitamente o FH desvendado nas 700 páginas da obra.

– Ao contrário do que sugere a lenda do homem imperial e vaidoso, Fernando Henrique Cardoso é republicano e muito simples – conta o jornalista. Setti ilustra a informação com um detalhe revelador: já no dia seguinte ao do acordo para o começo do trabalho, o ex-presidente lhe telefonou.

Sérgio Machado, presidente da Record, e Luciana Villas-Bôas, diretora editorial, deixaram Setti à vontade para tornar o livro tão interessante quanto possível do ponto de vista jornalístico. Era o que FH também queria, como se constatou no almoço em que os quatro combinaram as minúcias do acordo. Entre o acerto e a conclusão do livro seriam consumidos cinco meses.

Incorporado ao projeto, Setti recebeu do ex-presidente cerca de 500 páginas. A obra estava incompleta.

– Ao ler a primeira versão, vi que muitas situações relevantes haviam sido deixadas de lado – revela o jornalista. – Fui fazendo observações, sugerindo acréscimos e propondo opções para o texto.

Os parceiros tiveram uma dúzia de encontros, quase sempre na casa do ex-presidente, e trocaram mais de cem mensagens eletrônicas com perguntas e respostas.

O correio pela internet funcionou exemplarmente nos intervalos dos incontáveis compromissos de FH. Setti se impressionou com a agenda do autor:

– Foram oito viagens internacionais nos cinco meses, todas a trabalho – contabiliza – Fernando Henrique é bom de internet. Responde rápida e objetivamente.

FH defendeu idéias, contou histórias, memorou fatos. O dedo preciso de Setti aparece nas revelações e descrições. O jornalista sentiu a ausência, por exemplo, de relatos mais detalhados sobre o caso Sivam e o capítulo da privatização da telefonia. O primeiro fora confinado numa nota de rodapé. O segundo carecia de informações consistente. Foram devidamente valorizados.

Cumprida a tarefa, o leitor pôde percorrer os labirintos do poder. Setti afirma que FH não recusou nenhum pedido, não se furtou a comentar questões espinhosas, encampou todas as sugestões. Nos longos trechos em que é menos presidente e mais sociólogo, FH aceitou recheiar as análises acadêmicas com exemplos práticos. O resultado é uma curiosa combinação de Maquiavel com buchada de bode.

– Certos trechos, como os da história familiar, dariam um livro – empolga-se Setti.

O avô de FH, militar que foi assistente do marechal Floriano Peixoto, propôs o fuzilamento de D. Pedro II caso o imperador tentasse resistir à proclamação da República.

Esse sim foi um Cardoso radical.